

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de Estudos Clássicos



**Boletim
de
Estudos Clássicos**

vol. 19



**JUNHO 1993
COIMBRA**

repio de horror: a vindicta saíra vencedora. Numa peça mais virada para o instintivo, paixão, poder e morte na vingança cega de uma mulher traída. O escuro a envolver as coisas.

Outra cena. As tochas ardem. As cativas troianas lamentam a destruição da cidade e a desgraça que as espera. Uma após outra — Helena, Cassandra, Andrómaca, Hécuba — conhecem o seu destino, cada um o mais cruel, de escravas dos heróis gregos. O verde, violeta, amarelo, vermelho das luzes sublinha o desespero, a revolta perante a crueldade da vida. E lá seguem rumo ao destino sem futuro.

Mas a cena já é outra. Clitemnestra desafia Electra. A voz, o canto, a música, com papel de relevo em toda a obra, acentuam-se agora e predominam nesta terceira tragédia. Actores e coro num advento de esperança. Toque de sinos em anúncio de nova civilização. Dera-se a passagem para a luz, uma espécie de catarse, de purificação.

É esta a trilogia que Andrej Serban encenou e apresentou em vários países do mundo ocidental, antes de regressar à Roménia do exílio para onde o regime comunista de Ceausescu o atirara durante vinte anos. Volta a Bucareste, depois da queda desse regime, a convite do Ministro da Cultura do governo de Ion Iliescu e aí apresenta a sua **Trilogia** no outono de 1990. A que agora o público português também pôde ver. Pelo menos os que puderam e desejaram deslocar-se ao convento do Beato.

Para devolver à realidade a sua dimensão mítica, como refere o próprio Andrej Serban, são utilizadas na representação as línguas originais, o grego e o latim. Aliás escreve o encenador, a propósito do grego, para explicar a sua escolha, que se trata da «matéria mais generosa que alguma vez foi escrita».

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

ANTÍGONA EM ÓPERA

Sempre ao longo dos tempos atraiu Antígona o interesse dos artistas que a adoptam e a apresentam viva e sempre pronta a defender princípios e ideais, sem lapso de hesitação. A sua coragem é um espinho na mornidão e cedência que tantas vezes nos deslacha a vontade.

À longa lista das obras que buscam Antígona para tema mais uma se veio juntar: uma ópera do compositor Tom de Leeuw. Integrada no Holland Festival, que decorre de 1 a 30 de junho, constitui um dos momentos altos desse festival — a sua abertura.

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

REPRESENTAÇÃO DO HIPÓLITO DE EURÍPIDES

Coimbra pôde mais uma vez aplaudir o drama grego antigo. No passado dia 19 de Maio o Teatro Paulo Quintela encheu para assistir à representação do *Hipólito* de Eurípides, numa adaptação de texto em francês, onde não faltaram também alguns versos em grego. A iniciativa partiu da *Alliance Française de Coimbra* que trouxe até nós o grupo teatral francês *Contradixion*, um grupo amador mas de bom nível que, apesar da escassez de recursos materiais, conseguiu trazer à cena alguns momentos verdadeiramente dramáticos. E se o fez foi certamente devido ao talento de cada um dos actores, especialmente da actriz que desempenhava o papel de Ama, pela facilidade e a doçura com que exprimia a dedicação a Fedra.

Outro momento alto foi o discurso do Mensageiro, na descrição cheia de sentimento do súbito acidente que vitimaria Hipólito, bem como o momento em que o pai, Teseu, recebe o filho moribundo. O interesse do público era visível no silêncio que, especialmente então,

se fazia sentir (ao contrário de outras representações bem recentes na mesma sala...).

Ao coro faltou por vezes a solenidade da tragédia grega: perante os lamentos de Teseu diante do cadáver de Fedra, por exemplo, alguns elementos pareciam improvisar gestos de alguma comédia Plautina, desviando incoerentemente as atenções do público para um burlesco gratuito. A música que preencheu os momentos mais poéticos também não era ambiciosa, mas a beleza de algumas vozes tornava o efeito bastante agradável ao ouvido.

Felicitemos portanto a *Alliance Française* e as instituições que a apoiaram nesta iniciativa, pois ela é viva expressão do valor actual do drama grego antigo.

MARGARIDA MIRANDA

A TRADIÇÃO GRECO-LATINA E A IDENTIDADE CULTURAL DA EUROPA

Ao folhear o jornal *Público*, de 26 de Março de 1993, a nossa atenção fixou-se no título de uma crónica de Eduardo Prado Coelho: "Todos os caminhos vão dar a Roma". Estava lançado o isco: um classicista não resiste a um título como este! Lida a crónica e mitigada a nossa curiosidade, não podemos deixar de dizer algumas palavras sobre os aspectos mais significativos do texto de Prado Coelho.

O conhecido intelectual português apresenta e comenta alguns aspectos da recente obra do filósofo francês Remy Brague, intitulada *Europe, la voie romaine*. Este ensaio pretende contribuir para a "compreensão da Europa enquanto entidade cultural". Interessante é o modelo escolhido por R. Brague para a concretização do seu objectivo: o modelo a que ele dá o nome de "via romana". Quais os traços caracterizadores deste modelo cultural? R. Brague tem no seu horizonte uma determinada realidade histórica: as relações estabelecidas, na

Antiguidade, entre as culturas romana e grega. Com os olhos postos nessa realidade, o filósofo francês conclui que "a cultura, no sentido 'romano' que aqui lhe é dado, consiste num movimento de apropriação". Poder-se-ia falar num processo de "assimilação criadora" ou numa "osmose cultural"¹, ou adoptar a perspectiva de Horácio veiculada nos célebres versos :

*Graecia capta ferum uictorem cepit, et artes
Intulit agresti Latio ...*

Este modelo de relações culturais implica, para R. Brague, uma série de consequências. A cultura, como "movimento de apropriação", é concebida como algo de activo, "é um exercício voluntarista – uma aprendizagem, uma elaboração, um encontro". Assim concebida, a cultura estabelece "um modelo de relação diferente entre a tradição e a novidade": é que "ser 'romano' é fazer a experiência do antigo como novo". A este modelo, opõe-se o "modelo científico", que sustenta uma certa ideia de modernidade, e conduz ao apagamento do antigo, da tradição pelo novo. A recusa deste modelo torna-se necessária "para defender a Europa como um conceito aberto". A partir destas premissas, R. Brague enuncia a tese central do seu ensaio: "o próprio da Europa consiste em apropriar-se do que lhe é estranho". Não há lugar para complexos de "pilhagem ou exploração": o que interessa é o carácter enriquecedor deste encontro de culturas. Assim, a herança cultural europeia pode e deve estender-se a outras culturas: "grave seria que a Europa considerasse o universal de que é portadora (o 'Grego' de que nós somos os 'Romanos') como uma particularidade local só valendo para ela própria, e que se não deveria alargar a outras culturas"² Deve

¹ Estas duas expressões encontram-se em Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. II volume: Cultura Romana*, Lisboa 1984, pp. 37 e 169, respectivamente.

² Não será descabido lembrar, a este propósito, o que se diz em várias comunicações incluídas nas Actas do Congresso Internacional *As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal*, Coimbra, 1988.